

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UERLÂNDIA
ARTES VISUAIS

RAFAEL ANTONIO RATTIS DE OLIVEIRA

MOMENTOS

UMA ETNOGRAFIA FOTOGRÁFICA: AS MULHERES QUE TRABALHAM NO SETOR
DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

UBERLÂNDIA
2019

RAFAEL ANTONIO RATTIS DE OLIVEIRA

MOMENTOS

UMA ETNOGRAFIA FOTOGRÁFICA: AS MULHERES QUE TRABALHAM NO SETOR
DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Monografia apresentada ao Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como um dos
requisitos para obtenção de grau de Bacharel e
Licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Marco Antônio Paqualini de Andrade

UBERLÂNDIA
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Rafael Antonio Rattis de Oliveira

MOMENTOS

**UMA ETNOGRAFIA FOTOGRÁFICA: AS MULHERES QUE TRABALHAM NO SETOR
DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Monografia apresentada ao Instituto de Artes da
Universidade Federal de Uberlândia como um dos
requisitos para obtenção de grau de Bacharel e
Licenciado em Artes Visuais.

Uberlândia, 20 de dezembro de 2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Marco Antônio Pasqualini de Andrade

Prof. Me. Maria Carolina Boaventura

Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Antonia Maria Rattis, minha mãe, que me possibilitou sempre o que estava além de suas mãos.

Agradeço a professora Valéria de Paula Martins que apontou e esclareceu o método que realizei.

Agradeço ao professor Paulo Mattos Angerami por mostrar formas de apresentar esse trabalho.

Agradeço ao professor Marco Antônio Pasqualini de Andrade a quem convenci a enfrentar esse desafio que foi me orientar, pelos prazos estendidos, pelas correções e pelo compromisso.

Agradeço a todas as mulheres da empresa terceirizada, por todos serviços prestados, por fazerem parte desse trabalho, e por serem quem são. Não tenho palavras para descrever minha gratidão pela acolhida e troca que tivemos.

“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente, o
que fazemos para mudar o que somos.”

Eduardo Galeano

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar um estudo artístico de caráter etnográfico sobre algumas mulheres que trabalham no setor de limpeza e conservação por uma das empresas terceirizadas da Universidade Federal de Uberlândia. Utilizo da fotografia como linguagem para expressar meu olhar, e oferecer uma visibilidade à posição em que se encontram. Descrevo as características do setor, o funcionamento e o impacto do método etnográfico. Exponho as situações em que elas se encontram perante a universidade, e como essas circunstâncias trazem alterações em suas identidades coletivas. Conforme o avanço do estudo, foi realizada a produção de um fotolivro composto pelas fotografias do universo da profissão, um diário de bordo e relatos sobre os obstáculos que o grupo de mulheres enfrentou no ano de 2019.

Palavras-chave: Arte contemporânea, Etnografia, Limpeza e conservação, Fotolivro.

ABSTRACT

This following work aims to present an ethnographic artistic study of selected women who work in the cleaning and conservation sector at one of the outsourced companies of the Federal University of Uberlândia. I use photography as a language to express my gaze and offer visibility to the position they find themselves at. I describe the characteristics of the sector, the operation and the impact of the ethnographic method. I expose the situations in which they find themselves in the context of the university, and how these circumstances bring about changes in their collective identities. As the study progressed, a photobook consisting of photographs of the profession's universe, a logbook and reports on the obstacles that the women's group faced in 2019 were produced.

Key words: Contemporary art, Ethnography, Cleaning and conservation, Photobook.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	9
1.1.A Escolha Do Tema	9
2.IDENTIDADE	12
3. O EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO	14
3.1.O exercício etnográfico para o artista.....	15
4.A INVISIBILIDADE	20
4.1.O Impacto de estar com elas	22
5.O PRODUTO	23
5.1.Diário de bordo	23
5.2.Fotolivro.....	23
5.3.Relatos.....	24
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICES	29
Apêndice A – Fotos do resultado final do objeto artístico.	29

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia, situada no campo da produção artística em artes visuais, tem como tema o trabalho e as circunstâncias das mulheres que trabalham no setor de limpeza e conservação por uma empresa terceirizada¹ na Universidade Federal de Uberlândia. Com objetivo geral de realizar uma produção fotográfica a partir do processo de estudo etnográfico, conhecendo e dando visibilidade a esse setor, além de contribuir fortemente para a minha formação quanto artista. Aqui apresentarei quem são algumas dessas mulheres, quais circunstâncias e relação elas têm com a universidade, como foi o processo de estar presente, e por fim discutir a minha produção artística a partir desse estudo.

No campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, trabalhavam aproximadamente 87 pessoas no setor de limpeza e conservação, divididas em quatro subáreas: limpeza externa, folhagem, jardinagem e limpeza interna, esta última sobre a qual a pesquisa se intensificou. As tarefas consistiam na higienização dos banheiros e corredores, organização e limpeza geral das salas de aulas e auditórios.

Devido ao limite de tempo disponível, uma vez que estava trabalhando e estudando ao mesmo tempo em que efetuo esse estudo, a pesquisa foi realizada somente com as mulheres que frequentavam o antigo Restaurante Universitário, local que já fora espaço cultural, hoje se tornou um lugar de intervalo cheio de mesas e cadeiras, onde elas tomam café da manhã e almoçam o que levam. O fato de constituir um grupo reduzido não afeta diretamente o produto artístico e nem os resultados na medida que a experiência e troca são mais importantes do que os dados técnicos obtidos.

1.1. A Escolha Do Tema

“Nossa, Rafa, tem dias que é difícil ir trabalhar, ninguém sabe quem eu sou, nem sequer meu nome, só sabem que faço parte da limpeza, além de me tratarem como se fosse diferente deles”. Essa é uma frase dita por minha mãe em 2015, e desde então isso ecoa dentro de mim. A identidade daqueles que possuem posições ou profissões marginalizadas sofre alterações impostas às vezes por um uniforme, ou classe social. Um exemplo são as pessoas que trabalham na área da limpeza, que a partir do momento em que elas estão com o uniforme de trabalho, vão deixando de ser Maria, João, Arthur e Vanessa para simplesmente se tornarem o “pessoal da

¹ A empresa foi devidamente informada sobre o trabalho, mas não se manifestou autorizando a publicação de seu nome, de tal modo não será mencionado na monografia.

limpeza”. Ou seja, se em algum momento você precisar deles, muitas vezes cometerá o erro de dizer “chama aquela moça da limpeza” ou “o cara da limpeza vai saber te dizer” tornando a identidade deles restrita àquilo. Digo isso não com a propriedade de quem já viveu essa situação, mas sim com a experiência de ser filho de alguém que por muitos anos se viu sendo somente a moça da limpeza e a moça que cozinha, deixando assim de ser Antônia, uma mulher comum, mas com uma complexidade além da profissão.

Ao ler esse relato, pode-se entender que há certo preconceito em minha fala, pois existem outras profissões que também tomam a identidade e a transformam, como a profissão de professor, advogado, entre outras. Mas erroneamente pensa-se que estão na mesma linha, existem status, legitimação, e uma carga de capital simbólico² junto com profissões não marginalizadas, que ao invés de ser somente o professor, o advogado, o médico, ou o vereador, passa-se a ser o Fulano que é professor, advogado, doutor ou político. Logo aquilo é adicionado a quem ele é, tornando-se algo “melhor” num status social.

Determinados grupos sociais congregam várias características que formam fatores de identificação dentro dele, como ideais, costumes, vestes, etc. Essas análises só podem ser feitas com a presença contínua do pesquisador, dia após dia convivendo naquele ambiente, numa tentativa neutra de afetar aquele local com uma interpretação intersubjetiva, para não atribuir ao outro características de si mesmo.

Com todas essas inquietações durante os anos da minha formação, busco como partida o exercício etnográfico e o trabalho de campo, que foram importantes para compreender o que vivenciam, os locais que transitam, sua rotina, entre outras circunstâncias que serão comentadas posteriormente.

Utilizo da fotografia como linguagem de registro e estética, mas preciso dizer qual a experiência com essa técnica. Em 2015 assim que iniciei o curso de Artes Visuais, cursei a disciplina de Fotografia que proporcionou um primeiro contato e possibilidade de registrar momentos num instante. Entretanto, essa experiência foi um fracasso, pois a turma não se envolvia muito bem, uma vez que só haviam calouros, e o professor apresentava uma certa inaptidão para lidar com uma sala de aula com 20 alunos. O resultado então foi uma experiência rasa, sem explorar nem a técnica e nem a possibilidade de expressão. Passados alguns anos, ganhei uma câmera digital, o que me proporcionou um recomeço com a fotografia e um aprendizado técnico; agora como forma de finalizar um ciclo retomo os anseios que foram adormecidos por aquela experiência, além de levar como referência artistas e pessoas que

² Conceito tratado por BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Deifel, 1989b.

utilizam dela para expressar seus olhares. Integro o produto dessa monografia com a disciplina de Ateliê de Fotografia ministrada pelo professor Paulo Angerami, numa forma de agregar mais conteúdo a ela, trazendo a perspectiva de troca coletiva que os ateliês oferecem. Essa experiência diferentemente da anterior agregou muito para o desenvolvimento da produção artística.

2. IDENTIDADE

O conceito de identidade é um dos muitos que possui uma vasta forma de ser estabelecido. Podendo ser aquilo que se opõe a alteridade, ou aquilo que o dicionário nos traz como definição: “uma série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las”. Vamos tentar ir um pouco além disso. Logo, o foco dessa discussão será na formação social da identidade do indivíduo, primeiramente pela fotografia.

A identidade tem um peso de consciência no indivíduo, pois o traz a uma consciência social de si mesmo. Isso pode ser pensado a partir da ideia do retrato, que é o núcleo de análise de Roland Barthes em *A câmara clara*. Trazendo os conceitos de semelhança e identidade, atravessados por aquele de conformidade, estabelecem o eixo central de uma reflexão para o qual o indivíduo fotografado nada mais é do que uma cópia de uma cópia, gerada por outras imagens de si mesmo (*apud* FABRIS, 2004).

Segundo Annateresa Fabris (2004):

Normas sociais e psicologia individual confrontam-se no retrato fotográfico, cujo resultado, nos dizeres de Phéline, é uma ‘identidade totalmente conciliada como ideal social de si mesmo’. Ou seja, a fotografia constrói uma identidade social, uma identidade padronizada, que desafia, não raro, o conceito de individualidade, permitindo forjar as mais variadas tipologias.

Pode-se notar quão complexa se torna a identidade a partir das relações que a fotografia traz com seu surgimento. Aquilo que um dia era almejado somente pelos retratos de pintura, transforma-se a partir do século XIX. A popularização do retrato com os cartões de visitas de Disdéri e seu baixo custo, traz a democratização das imagens técnicas, e com ela um modelo burguês padrão de vestes para utilizar nesses momentos de captura. Os signos de integração social passam, então, a ser a pose teatral com vestes da classe burguesa, dificultando a exposição real da identidade daqueles que eram fotografados. Entretanto, com a evolução tecnológica, não só os retratos, mas também os equipamentos se popularizaram de tal forma, que fotografia está em todo local, a identidade está sendo exposta e exprimida de diversas formas, aumentando assim sua complexidade.

O sociólogo Zygmunt Bauman vai dizer que nossa identidade não é garantida por toda a vida, pois ela está em processo de liquidez como muitas outras coisas e relações de nosso mundo contemporâneo.

Tornamo-nos consciente de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter

firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para ‘identidade’.

Com muitas variáveis para constituir o ser, o método de pesquisa escolhido se justifica por ser aquele que trará mais proximidade e clareza sobre o pertencimento dessas mulheres no momento da vida em que se encontram.

3. O EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO

Dentro do curso de Artes Visuais oferecido pela Universidade Federal de Uberlândia, principalmente no bacharelado, as disciplinas proporcionam práticas voltadas para a produção individual do aluno e aporte histórico e teórico de forma geral sobre a arte. Ou seja, você pode cursar aulas que ofereçam técnicas e referências de artistas dentro das especificidades do desenho, da pintura, da escultura, da cerâmica, da história da arte, da arte contemporânea e entre outras. Mas isso sem te inserir vividamente dentro de outros grupos; podendo assim trazer um grande problema, que é a ideia de que o artista é único e solitário, que somente ele, através dele mesmo, pode ser possível criar sua obra, e as vezes até mesmo que seu olhar sobre uma obra deve ser o seu próprio e não o da perspectiva de outro. Deixa assim uma lacuna e enfatiza uma produção egocêntrica e conseqüentemente etnocêntrica.

Entretanto, na parte da licenciatura, os estágios conseguem introduzir uma vivência com grupos através dos projetos culturais que precisam ser desenvolvidos na comunidade. Conseqüentemente isso auxilia muito na produção e na formação do licenciado. Todavia, para ambos os casos, há a possibilidade de cursar disciplinas eletivas (que fica a critério do estudante escolher) que fornecem aporte teórico e prático para um auxílio multicultural dentro de áreas de interesse, como as disciplinas de Sociologia da Arte e de Antropologia da Arte, essa última foi a que trouxe a base deste trabalho.

Nessa disciplina são apresentados conceitos como o de etnocídio, genocídio, etnocentrismo, relativismo cultural, cultura, etnografia, entre outros e como é o papel do olhar antropológico sobre todos esses conceitos e suas derivações, e conseqüentemente como esse olhar tem impacto para o artista em formação. Com leitura de textos, documentários que apresentam etnografias ou perspectivas que fogem do achismo dentro de grupos e espaços, que somente com a inserção desta apresentação seria possível tal entendimento (exemplo: Arte como sistema Cultural, Do etnocídio, A Batalha do Passinho, Ônibus 174, Estranhos no Exterior, etc.), além das propostas de realização de trabalhos de campo.

Isso construiu um exercício contínuo que venho praticando que é o exercício etnográfico, o que traz ao presente estudo um ganho de mais profundidade, pois me proponho a experienciar o dia-a-dia de trabalho com essas mulheres, além de que a produção de minhas fotos se dá pelo resultado dos diálogos que tenho ali, dos momentos compartilhados, produzindo também um material complementar que é o diário de bordo (Apêndice 1), onde esboço meus dias, encontros e emoções dos encontros que realizo.

3.1. O exercício etnográfico para o artista

Fica notável como estar presente com essas mulheres foi um fator fundamental para toda relação criada até aqui, e também como isso aumenta o olhar para além da profissão delas.

E agora eu digo, estar ali foi tão enriquecedor para o meu eu artístico, quanto para o meu eu pessoa, este exercício tornou-se fundamental para mim e para minhas próximas interpretações de lugares, posições, grupos e entre várias outras esferas de estudos que eu possa participar, pois, o exercício de ver o mundo pelos olhos de outro parece ser algo que necessita de constância e que faz total diferença no processo artístico e no produto final realizado.

Essa prática pode ser notada no trabalho de diversos artistas, mas aqui vamos nos atentar aos fotógrafos Afonso Pimenta e Tatiana Altberg. O primeiro foi um fotógrafo dos anos 1980 que passou por muitas outras profissões antes de conseguir realizar seu sonho que foi trabalhar com fotografia, quando passou a fotografar bailes, festas infantis, cotidiano, casamento entre outros eventos da comunidade do Aglomerado da Serra em Belo Horizonte que segundo ele somam mais de 300 mil negativos que capturaram uma história invisível, uma vez que há um déficit de registros da história dos negros no Brasil (ORLANDI, 2018). Nota-se justamente por Pimenta estar inserido nessa comunidade, que foi possível realizar um trabalho tão quantitativo, como qualitativo para as pessoas que estavam presentes naquele local, e para a preservação da história deles.

Figura 1 - Fotografia restaurada do acervo de Afonso Pimenta, 1981



Fonte: (PIMENTA, 2015)

E dentro do trabalho apresentado, houveram momentos de retrato do cotidiano compartilhado como na fotografia abaixo. Onde foi o registro do horário de almoço delas, em que se sentiram abertas para posar para uma foto de lembrança.



Fonte: Autor

No dia a dia era visto como os trabalhos manuais também são presentes e como fazem parte da especificidade da profissão.



Fonte: Autor

Outro exemplo é Tatiana Altberg, que possui formação acadêmica em fotografia e atua como professora na comunidade da Maré no Rio de Janeiro, e que somente depois de estar presente e atuando dentro daquela comunidade foi possível notar quais assuntos eram pertinentes ali, e como se daria a presença dela juntamente a eles. Foi a partir disso que nasceu o projeto Mão na Lata, que é um projeto educacional que visa o desenvolvimento dos adolescentes de 11 a 17 anos através da fotografia e literatura, no qual utilizando câmeras pinholes eles criam narrativas visuais dentro de suas interpretações dos contos de autores como Machado de Assis e Jorge Amado. E ainda boa parte da produção artística de Altberg se desenvolve dentro de suas vivências dentro dessa comunidade, ou seja, estar ali e viver em conjunto atravessa não só sua atuação como educadora, mas também sua atuação como artista.

Figura 2 - Registro da oficina de pinholes ministrada por Altberg



Fonte: (ALTBERG, 2006)

Na da dissertação de Daniella Munhoz (2013) uma antropóloga que se propôs a experienciar a vida dos grafiteiros de Curitiba, é realizada uma investigação etnográfica, na qual é possível notar que sua fala tem muita força e consistência por ter estado presente juntamente a eles, pois traz muito da especificidade do grafite e de seus autores, além dos costumes que envolvem todo esse grupo. Um exemplo de fala, aparece em sua conclusão, onde ela narra um acontecimento de disputa de legalidade entre a polícia e os autores, e conclui:

Interferência urbana, sociabilidade, trocas, habilidade técnica, práxis, vandalismo, interesses divergentes, tensão, conflitos, liberdade de ação,

tolerância, autonomia, interferências externas, negociação, imprevisibilidade, registro dos acontecimentos, êxtase do grupo, ousadia, provocação, repreensão policial, dispersão, aplicação da lei, repercussões virtuais, construção de narrativas, diferenças de opiniões e liberdade de expressão. Estas são algumas características que pude observar neste evento conflituoso. Estas são algumas das características que compõem o universo da escrita urbana e constroem a identidade de seus atores. (MUNHOZ, 2013)

Mostrando que também para além do artista, o exercício etnográfico traz perspectivas diversas de olhar dentro de todas as áreas, pois há o entendimento do outro pelo outro.

Fica claro como o auxílio do exercício etnográfico transforma o indivíduo que o faz, como isso enriquece seu trabalho e as pessoas com quem trabalha. Imagine isso para artistas em formação. O fato desse presente trabalho ter se descoberto parte de um exercício etnográfico, faz com que tome um direcionamento mais profundo, tanto que as referências se modificam, as ações se modificam, e conseqüentemente o olhar e a produção se transformam.

E por fim, filho de diplomata, Miguel Rio Branco, é um dos maiores nomes da fotografia do país, e está ligado diretamente com a etnografia, na sua série Pelourinho (1979) ele vivenciou e registrou o Maciel, a parte mais antiga do bairro Pelourinho, local ligado a prostituição e bastante degradado, seu interesse se intensificou nas casas arruinadas pelo tempo, corpos com cicatrizes e rostos em penumbra, captando o que resta das situações cotidianas do local violento e solitário. (ITAÚ CULTURAL, 2017)

Figura 3 Da série Pelourinho



Fonte: (RIO BRANCO, 2017)

Como foi para os três exemplos vistos, estar presente dentro daquela cultura, daquele grupo, daqueles costumes foi o que trouxe para eles contextualização e conhecimento necessários para realizar suas ações em seus trabalhos e nos espaços que estiveram presentes. E para o grupo de trabalhadoras da empresa terceirizada somente com esse exercício foi possível entender suas questões, quais eram as visões de mundo ali presentes, e como são as especificidades de seus serviços, pois, um vez que estou na posição de aluno, não estava ciente de como minhas ações interferem no trabalho delas, mas após um simples olhar etnográfico fica claro como existem ações mínimas como a de escrever em uma carteira ou jogar um chiclete no chão pode dificultar o dia delas. E são coisas pequenas que vão sendo notadas, para que no final tenhamos um olhar empático e relativo quanto ao outro.

4. A INVISIBILIDADE

No livro *Cultura: um conceito antropológico*, Roque Laraia fala sobre a cultura e a divide em dois pontos: de como a cultura se desenvolve no decorrer da história e como a cultura influencia o modo de viver de cada grupo social.

O primeiro ponto, é que os indivíduos de cada cultura possuem valores morais e visões que são daquele meio que vivem, na qual são adquiridos devido a questão histórica social de tal, como aponta Laraia:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 1986)

Essa é uma informação importante, pois, para entender a contextualização do fato desse tipo de trabalho ser direcionado a mulheres. Precisa-se lembrar da escravidão em nosso país e quais foram os resquícios que a mesma deixou, sabe-se que as escravas eram tratadas com submissão e tinham que fazer todo o trabalho nas fazendas, tanto nas lavouras quanto dentro das casas dos senhores de engenho, enquanto as mulheres filhas e esposas desses senhores permaneciam na casa fazendo trabalhos mais “nobres” como costura e bordado, mas também excluídas das esferas de poder que sempre eram sitiadas por homens. Djamila Ribeiro (2017, p.45-46) cita a autora Patricia Hill Collins “a estudiosa ainda argumenta que as mulheres negras ao mesmo tempo em que fazem parte de algumas instituições, não são consideradas como iguais, dando o exemplo das trabalhadoras domésticas, que trabalham em casa de família [...] ainda seguem ocupando um lugar de marginalidade.”. No caso do grupo em questão, não são todas as mulheres que são negras, mas todas estão no escopo de marginalidade diante das posições da universidade.

A invisibilização e marginalização dessas mulheres é só uma forma de como as relações de opressão também demonstram uma divisão de gênero do trabalho. Laraia aponta a questão do determinismo biológico, que algumas atividades no decorrer na história eram divididas segundo a visão antiga antropológica, ou seja, a divisão sexual do trabalho se dava de “acordo com racionalidade biológica” (LARAIA, 1986 p.17), só que a antropologia contemporânea denota que tal atribuição está ligada a cultura. Logo, a sociedade patriarcal em que vivemos define o papel da mulher dentro dessa cultura, nas quais vão construindo suas identidades a partir do mesmo, “de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem [...] de forma simples, seria pensar na mulher como algo que possui

uma função”(RIBEIRO, 2017 p. 36-37), denotando a opressão da posição masculina do patriarcado.

Pode também ser notado como os ambientes de trabalho possuem um distanciamento entre aqueles que possuem poder, tanto econômico como intelectual. Como no ambiente universitário dessa análise, há uma distância dessas mulheres para com a universidade: elas estão todos os dias ali, sendo este o local de trabalho, assim, o lugar não estabelece nada além; mas na verdade poderia auxiliá-las com oportunidades já que é um ambiente de formação de conhecimento. Além de que os espaços também oferecem hostilidade, exemplo disso foi a resposta de uma delas ao ser perguntada se em algum dia ela fora num dos museus da universidade para conhecer: “nunca fui, eu não tenho estudo né. Então não posso entrar nesses lugares.”.

A participação de cada indivíduo em sua cultura é sempre limitada, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura. Esse fato é tão verdadeiro nas sociedades complexas com um alto grau de especialização, quanto nas simples, onde a especialização refere-se apenas às determinadas pelas diferenças de sexo e de idade (LARAIA,1986)

Nesse trecho Laraia diz sobre a impossibilidade do indivíduo de participar dentro de todos os âmbitos de uma cultura, mas soa muito raso esse argumento pois as esferas de exclusões vão mais além disso, como o peso diferença social, Ribeiro (2017, p 61) novamente cita Collins para nos esclarecer melhor isso:

“Como explica Collins, quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania. Seria, principalmente, um debate estrutural. Não se trataria de afirmar as experiências individuais, mas de entender como o lugar social que certos grupos ocupam restringem oportunidades”

Voltando a resposta a respeito da visita ao museu e a utilização de uniformes como categorização e diferenciação de posição, pode-se analisar através de um trecho do capítulo “A arte como um sistema cultural” do livro de Clifford Geertz.

O maior problema que surge com a mera presença do fenômeno do poder estético, seja qual for a forma em que se apresente ou a habilidade que o produziu, é como anexá-lo às outras formas de atividade social, como incorporá-lo na textura de um padrão de vida específico. E esta incorporação, este processo de atribuir aos objetos de arte um significado cultural é sempre um processo local (GEERTZ, 1983)

Então, não só o processo estético dentro do museu, mas como também todo o processo estético da vestimenta causa uma diferenciação entre aqueles que frequentam a universidade sem uniforme, e elas são obrigadas a utilizar seus uniformes para trabalhar. Ou seja, há uma

separação simbólica e estética para ser notada, contribuindo para o silenciamento dessas mulheres.

E nós estudantes estamos numa posição privilegiada e cômoda, o não ouvir deixa-nos numa posição confortável podendo falar dos *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados. (RIBEIRO, p. 78). Agora eu como estudante, bolsista, homem branco cis, tomo como minha posição a teorização dessa experiência que tive, mas com a clareza de minha posição, sem buscar representar essas mulheres, entretanto dá-las visibilidade.

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. Acreditamos que não pode haver essa desresponsabilização do sujeito do poder. (RIBEIRO, p. 83-84)

4.1. O Impacto de estar com elas

Em sete meses as mulheres que trabalham na área da limpeza, foram se abrindo até transparecer Julia, Inês, Gil, Patrícia, Ashley, Cleusa, Daniela, Josi, Letícia, Marizete, Maria, Diná e Cidinha, e eu fui me abrindo até deixar de ser “o menino que vem falar com a gente” para transparecer o Rafael. Neste momento todos sabiam das coisas pessoais de cada um, dos enfrentamentos e dos gostos, uma confiança coletiva era presente. Aquilo que o ambiente universitário individualista nos faz esquecer, a coletividade, era extremamente natural, nada parecido com os trabalhos em grupo que precisei fazer na minha formação.

Faço essa crítica, pois percebo que todas as experiências que atravessaram o coletivo em que convivi no meio acadêmico foram as extensões, foi por o pé no chão, a mão na massa, e sair da teoria para ir a campo, conversar com pessoas, comunicar. E para o artista, o fundamental é saber comunicar.

5. O PRODUTO

O produto desta monografia é uma gaveta (Apêndice A) que se constitui em três partes: uma parte de fotografias, uma parte do diário de bordo e por fim uma parte de relatos.

5.1. Diário de bordo

Ao iniciar o projeto ainda não havia feito contato com a disciplina de Antropologia da Arte que fora ministrada pela professora Valéria de Paula Martins, a qual ofereceu um aparato grande de ferramentas para o crescimento do mesmo. Fiquei três meses realizando visitas esporádicas para começar os primeiros contatos, o que possibilitou a aproximação daquele universo, mas os relatos diários desses momentos foram perdidos, entretanto com a sugestão dada por Martins de criar um diário de bordo, possibilitou registrar o processo do método etnográfico, as dificuldades que encontrei, as realizações, situações entre outras coisas. Além de se tornar uma parte chave para a produção, pois através dele é onde consigo revivenciar momentos que refletiram na produção final.

A experiência que essa prática trouxe foi para além do individualismo da experiência, ela proporcionou crescimento pessoal e entendimento emocional, tirando daquele limbo mítico que muitos artistas tentam perpetuar de arte pela arte, tornando-se uma ferramenta fluida, reflexo das vivências e uma forma de comunicação, incrementando o processo de criação mostrando que há esforço, dores, e amores para formação da arte. Pois depois de 5 anos realizando trabalhos que envolvem técnicas artistas, só agora sinto que fiz realmente aquilo que acredito refletir arte.

5.2. Fotolivro

A utilização dessa ferramenta veio como sugestão do professor Angerami para realização do trabalho artístico no ateliê. Logo, percebi como encaixaria perfeitamente na minha proposta, levando em conta os vários exemplos apresentados.

Quanto ao significado do fotolivro, Marina Feldhues (2018) dá algumas pistas que a linguagem não consegue abarcar.

Quanto a autoria: os fotolivros podem ser produzidos por fotógrafos, artistas e/ou outros editores. Quanto a circulação: deve ser pública – o que os distingue dos álbuns fotográficos. Quanto ao papel das imagens: as imagens são as principais transmissoras da informação e atuam em conjunto, são elementos constituintes de um todo maior, que é o livro. Mais importante do que cada

fotografia individualmente considerada é a relação entre as fotografias. E a narrativa que aí se constitui.

As imagens são de extrema relevância para o trabalho, são elas que vão possibilitar a comunicação com o expectador, mostrar-lhe tudo que vi, como vi e a forma que vi. Dentro de uma narrativa que esse formato permite, estarão divididos em subcapítulos os momentos particulares que vivi com esse grupo, numa intimidade que somente um livro poderia trazer.

As fotografias³ foram realizadas no dia a dia, em alguns momentos com permissão, e em outros momentos parado aguardando o instante decisivo⁴ sem que soubessem da minha presença. Esses processos demandaram muito tempo, pois foi necessário criar intimidade, encontrar os momentos certos, acertar realmente os cliques que gostaria, até chegar num número de 43 fotografias que foram distribuídas em cinco capítulos, cada um especificando um momento. E como as cores chamam muita atenção, e possuem diversos significados, as imagens foram produzidas em preto e branco, assim trazendo o foco para a imagem em si e para a narrativa.

5.3. Relatos

No primeiro semestre de 2019 mais precisamente em abril, o governo federal decretou um corte orçamentário de 30% para as universidades federais. E a Universidade Federal de Uberlândia consequentemente também estava incluída, e os impactos eram grandes como explicitado em nota.

“Serviços de apoio como vigilância, limpeza, recepção, transporte, reformas sofrerão sério impacto. Todos os contratos que a UFU tem com fornecedores terão que ser reavaliados com o horizonte de redução máximo previsto em lei. Isso significa que as consequências devem atingir também a empresas prestadoras de serviços especializados à nossa instituição”. (*apud* ALVARENGA, 2019)

Não demorou e a empresa começou a realizar uma onda de demissões, mais de 1/3 dos funcionários foram mandados embora, e desses muitas eram as mulheres do setor de limpeza e conservação. Das que eu estive em contato oito foram mandadas embora, uma com onze anos de carteira assinada pela empresa. No mês de setembro foi a primeira leva de finalização dos avisos prévios, e isso impactava todas elas, os dias se tornaram mais densos, os humores mais

³ Todas as pessoas que aparecem autorizaram o uso da imagem (Apêndice C)

⁴ Henri Cartier Bresson

secos, e a infelicidade com a situação estava estampada na maioria. E claramente isso me atingiu, estava sentindo na pele vendo tudo aquilo acontecer.

Em meio a isso até o fim de novembro, mês com os últimos cumprimentos de aviso, busquei relatos daquelas que se sentiam a vontade para falar do assunto, gravei áudios, e os transcrevi para compor a terceira parte do livro, que consiste nas suas vozes na íntegra, sem edição, mas com o anonimato para garantir a integridade de quem fala. Neste fragmento, é notável como a vida delas foi afetada, como sua rotina e carga de trabalho se modificaram. São trechos pequenos de fala, com um pouco de receio diante da situação em que o país se encontra, entretanto precisava ser dito, pois somente elas sabem como se sentem diante disso.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi a partir do estudo artístico etnográfico conhecer e apresentar qual a relação das mulheres do setor de limpeza e conservação da empresa terceirizada com a universidade. Procurei dar visibilidade a elas pela importância de seus serviços e a posição social que se encontram. Apresentei as circunstâncias que vivenciam, evidenciando alguns aspectos que contribuem para essa realidade.

O primeiro capítulo discutiu sobre a identidade, com descrições e definições que justificam o método, ou seja, o segundo capítulo. Nele foi apresentado qual a relação do autor com o método, no que consiste, suas características, os impactos de sua utilização, e exemplos de pessoas que utilizam dele para suas produções. O que deu origem para a composição do fotolivro. O método é de extrema importância para o pesquisador, principalmente quando se trata de trabalho de campo, uma vez que a sua produção não torna somente e unicamente sua, mas também um pouco do outro, a etnografia tem essa característica. Ao utilizar esse método com algum grupo, você nunca se tornará o outro, mas também você nunca será o mesmo, ou seja, o trabalho artístico realizado tem um pouco de cada um que convivi nesses últimos meses.

No terceiro capítulo explico a situação de invisibilidade e marginalização da delas diante a universidade, o que de forma peculiar agrega a identidade do grupo. Partindo de discussões do âmbito antropológico e social, uso de referências para auxiliar o diálogo, e inferir alternativas para as circunstâncias apresentadas. Assim, vimos coisas sutis e outras nem tanto que interferem no dia a dia e na convivência delas com o meio que estão inseridas. E como integrante desse ambiente, vejo que a responsabilidade também é nossa, do estudante, de propor diálogos e convites que auxiliem o envolvimento e desenvolvimento da instituição para com elas. Festivais culturais, aulas com cadeiras vagas, restaurante universitário, projetos de extensão, esses e muitos outros exemplos podem ser ferramentas de integração, e é notado que existe o interesse da parte delas, mas antes é necessários quebrar a barreira que fora criada por muitos anos, e é aí onde entra a desenvoltura do estudante universitário.

E por fim explico como foi construído o produto final, e quais as motivações que levaram a essas escolhas.

Um trabalho de fechamento de 5 anos cursados numa universidade pública regida por bolsas e assistência estudantil, deve trazer aquilo que atravessa o pesquisador e aquilo que o trouxe até esse local, o que merece algumas considerações. A responsável por eu estar onde estou, foi minha mãe, que trabalhou anos no setor de limpeza, e que hoje trabalha na cozinha de escolas, ela proporcionou todo o pilar psicológico e emocional para que eu permanecesse

contínuo e confiante naquilo que estava fazendo. E nada mais justo do que juntar aquilo que aprendi nesses anos com o que permitiu eu estar nessa posição que vos escrevo. Nisso deixo *Momentos* um fotolivro que exprime os momentos vividos com mulheres que estão na louvável profissão que permitiu hoje a realização deste trabalho.

Momentos foi uma experiência enriquecedora, produzi-lo permitiu entender, questionar, resolver e trabalhar diálogos internos e externos que antes jamais foram feitos em minhas produções artísticas, conseguir realiza-lo fecha um ciclo, mas abre muitas outras portas para continuar essa produção, existem muitos outros lugares e pessoas que me atravessam e que gostaria de estar presente. Finalizo contente dos resultados das fotografias, que estão divididas nos momentos em que convivi, e como foi evoluir até o momento de saber quem cada uma delas é, deixando aqui uma pista da narrativa. Sinto ainda que há a possibilidade quanto pesquisador de retornar para esse estudo numa pós graduação, buscando conhecer mais dessas mulheres, mais formas de convivência, mas uma coisa é certa quanto artista o exercício etnográfico se tornou uma ferramenta fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Cristiano. Cortes no orçamento: entenda o impacto para a UFU. **Comunica UFU**. 2019. Disponível em: <<http://www.comunica.ufu.br/noticia/2019/06/cortes-no-orcamento-entenda-o-impacto-para-ufu>>. Acesso em: 19 nov. 2019.
- ALTBERG, T. www.maonalata.com.br. **Mão na Lata**, 2006. Disponível em: <<http://www.maonalata.com.br/detalhe/5056>>. Acesso em: 04 dez. 2019. il.color.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005
- CLASTRES, Pierre. Do etnocídio. In _____. **Arqueologia da violência**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- FELDHUES, Marina. **Fotolivros: (in)definições**. 15f. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.
- GEERTZ, Clifford. 1983. A arte como um sistema cultural. In _____. **O Saber Local: Novos Ensaio Em Antropologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2006 [1986]
- ITAÚ CULTURAL. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10743/miguel-rio-branco>>. Acesso em: 20 de nov. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- MUNHOZ, Daniella. **Graffiti: Uma etnografia dos atores da escrita urbana de Curitiba**. Curitiba. 2013
- PIMENTA, A. www.retratistasdomorro.guilhermecunha.art.br. **Retratistas do Morro**, 2015. Disponível em: <<http://www.retratistasdomorro.guilhermecunha.art.br/afonso-pimenta-restauradas/>>. Acesso em: 03 dez. 2019. il.color.
- RIO BRANCO, M. enciclopedia.itaucultural.org.br. **Itaú Cultural**, 2017. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra20318/da-serie-pelourinho>>. Acesso em: 04 dez. 2019. il.color.
- SANTOS, Layreane Silvano dos. **“Ei, Federal!”: Uma etnografia dos vigilantes públicos da Universidade de Brasília**. 2018. 94 f. TCC (Graduação)- Curso de Ciências Sociais: Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

APÊNDICES

Apêndice A – Fotos do resultado final do objeto artístico.







Apêndice B – Algumas fotografias do fotolivro















Apêndice C – Termos de autorização assinados


 SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

ADULTO

Neste ato, eu, Daniela Rodrigues Gonçalves,
 nacionalidade brasileira estada civil solteira,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº MG-97961288,
 Inscrito no CPF sob nº 064023866-18, residente à
 Av/Rua Quinval Medeiros, nº. 280
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
 e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
 em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público
 em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
 imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
 formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
 folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
 instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
 entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
 ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
 haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
 outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: _____

Daniela Rodrigues Gonçalves
 (assinatura)

Telefone p/ contato: (34)998731784

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

ADULTO

Neste ato, eu, Gilsonete da Silva Cardoso,
 nacionalidade Brasileira estada civil solteira,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
 Inscrito no CPF sob nº 063 579 564 73, residente à
 Av/Rua Espigão, nº. 25
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
 e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
 em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público
 em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
 imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
 formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
 folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
 instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
 entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
 ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
 haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
 outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: _____

x Gilsonete da Silva Cardoso
 (assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 996 87-2326

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

ADULTO

Neste ato, eu, Patricia Batista Sarnecka Alves,
nacionalidade brasileira estado civil casada,
Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
Inscrito no CPF sob nº 910 817 936 -00, residente à
Av/Rua Momel Senalho, nº. 1038
Cidade de Uberlândia,
Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público
em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: _____

Patricia B. S. Alves

(assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 99244-6624

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
 ADULTO

Neste ato, eu, Andrey Carlos Silva,
 nacionalidade brasileira estada civil solteira,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
 Inscrito no CPF sob nº 110 306 476 23, residente à
 Av/Rua Ana Godoi de Souza, nº. 2934
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
 e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
 em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam essas destinadas à divulgação ao público
 em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
 imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
 formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
 folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
 instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
 entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
 ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
 haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
 outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: Andrey Carlos Silva

x

(assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 99764-2447

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
ADULTO

Neste ato, eu, Maria Inez Silva,
nacionalidade brasileira estada civil solteira,
Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
Inscrito no CPF sob nº _____, residente à
Av/Rua Isaac Miranda, nº. 490 apt 104
Cidade de Uberlândia,
Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público
em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: Maria Inez Silva

x
(assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 9 8827-3990

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
 ADULTO

Neste ato, eu, Jacqueline Ferreira de Lima,
 nacionalidade brasileira estada civil solteira,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
 Inscrito no CPF sob nº 385 284 101 10, residente à
 Av/Rua Padre Antonio Fernandes Francisco, nº. 25
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais.

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook, instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Uberlândia, 02 de outubro de 2019.

Nome: _____

Jacqueline Ferreira de Lima
 (assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 99650-7993

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

ADULTO

Neste ato, eu, Cleusa Maria de Araujo,
 nacionalidade brasileira estada civil solteira,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº MG-21 792 449,
 Inscrito no CPF sob nº 294 88 21 28-08, residente à
 Av/Rua Angelino Savato, nº. 911
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais.

AUTORIZO o uso de minha imagem e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.); folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook, instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2019.

Nome: _____

x Cleusa Maria de Araujo
 (assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 991 26 - 25 11

e-mail _____



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA



TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

ADULTO

Neste ato, eu, Júlia Costa Martins,
 nacionalidade brasileira estada civil casada,
 Portador da Cédula de Identidade RG nº _____,
 Inscrito no CPF sob nº 022 410 406-30, residente à
 Av/Rua Henry de Barros, nº 105,
 Cidade de Uberlândia,
 Estado Minas Gerais. **AUTORIZO** o uso de minha imagem
 e voz em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em
 em trabalhos acadêmicos e institucionais, sejam esses destinadas à divulgação ao público
 em geral. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da
 imagem e voz acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes
 formas: livros; mostras científicas; folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);
 folder de apresentação; anúncios em revistas e jornais em geral; home page, facebook,
 instagram e outros do gênero; cartazes; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema,
 entre outros) com referência ao Programa Ações Formativas Integradas - AFIN. Por esta
 ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada
 haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer
 outro.

Uberlândia, 01 de outubro de 2018.

Nome: _____

x Júlia Costa Martins

(assinatura)

Telefone p/ contato: (34) 99245 8429

e-mail _____